



**Da moralidade à transgressão: a  
moda feminina na cidade do Recife  
entre os anos 1916 a 1920**



**UFRPE**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

THAYS DE SOUZA LIMA

Da moralidade à transgressão: a moda feminina na cidade do  
Recife entre os anos 1916 a 1920

RECIFE  
2021

THAYS DE SOUZA LIMA

Da moralidade à transgressão: a moda feminina na cidade do  
Recife entre os anos 1916 a 1920

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Universidade  
Federal Rural de Pernambuco  
como requisito parcial para a  
Conclusão do Curso de Graduação  
em Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Alcileide  
Cabral do Nascimento.

RECIFE  
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

L732m LIMA, Thays de Souza

Da moralidade à transgressão:: a moda feminina na cidade do Recife entre os anos 1916 a 1920 / Thays de Souza LIMA. - 2021.

60 f. : il.

Orientadora: Alcileide Cabral do Nascimento. Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, 2021.

1. Moda feminina. 2. Gênero. 3. Recife. I. Nascimento, Alcileide Cabral do, orient. II. Título

CDD 909

---



**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA  
TERMO DE APROVAÇÃO DE TCC**

THAYS DE SOUZA LIMA

**DA MORALIDADE À TRANSGRESSÃO: A MODA FEMININA NA CIDADE DO  
RECIFE ENTRE OS ANOS 1916 A 1920**

Trabalho de conclusão de curso aprovado com nota 9,5 como requisito para conclusão da disciplina de TCC II (Cód. 04803), pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Nota: 9,5  
Profª Drª Alcileide Cabral do Nascimento  
Departamento de História UFRPE

Membro: Nota: 9,5  
Profª Drª Sylvia Costa Couceiro  
FUNDAJ

Membro: Nota: 9,5  
Prof. Tércio de Lima Amaral  
Doutorando – Programa de Pós Graduação em História UFPE

Média das notas	9,5
-----------------	-----

Recife, 24 de fevereiro de 2021.

## AGRADECIMENTOS

Parafrazeando Lenine: “*O que eu sou, eu sou em par. Não cheguei sozinha.*” Em pares, eu diria. Pois muitas foram as mãos que me ajudaram a construir o caminho que me levou até aqui. Do lugar social que falo, muitos são os estímulos que nos fazem duvidar da capacidade de conseguir ser e fazer o que queremos. Eu não vejo outro caminho senão o coletivo. E se a História se faz através da memória e escrita, escrevo aqui os nomes daqueles que me ajudaram, das mais diversas formas, a transpor as barreiras da dificuldade e insegurança, até que eu conseguisse colocar em palavras os temas que brotam do lugar dos sentidos, e se apresentam aqui nos moldes da Academia.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha mãe, Diana Suelma, minha primeira incentivadora e amiga, que mesmo com todas as dificuldades me proporcionou os meios para que eu chegasse aonde estou, além de todo colo e abraço que exprimiam toda compreensão, mesmo sem palavras. As minhas irmãs, Lays e Kyahra Souza, que são minhas primeiras e melhores amigas, e que melhor conhecem cada parte de mim. São elas que me escutam e me aconselham dia a dia. São elas que me sustentam, me acolhem e estão comigo em todas as tentativas, frustrações e vitórias.

Agradeço também ao meu companheiro, Gabriel Brito, por me ajudar e me incentivar quando precisei. E por toda paciência quando precisei de espaço em meio a todo estresse da junção do trabalho e vida acadêmica. Obrigada por lembrar de mim em cada leitura, em cada filme, e em cada pequeno detalhe dos nossos dias.

A minha querida amiga Thamires Pedra Rica, que sempre vibra com cada uma das minhas conquistas, e que em meio as minhas dúvidas e inseguranças sempre faz questão de me lembrar de minhas qualidades e capacidades. Obrigada por ser como uma irmã nessa vida.

A minha orientadora Alcileide Cabral, que me inspira enquanto profissional, com toda sua experiência, competência e compromisso. Além de toda alegria e jovialidade que ela expira nos lugares que passa. Profa, obrigada por toda orientação e por acreditar na pesquisa que quis desenvolver. Não chegaria até aqui

sem a atenção do seu trabalho.

Aos meus queridos da turma 2016.1: Amanda, Diomedes, Murilo, Allana, Elton, Jacilene, Emmanoel, Flaviane, Vivian, Mateus, Jonas e Willams. Nomeio cada um pois, sendo muito próximos ou não, contribuíram para que cada dia dessa graduação fosse mais leve. Agradeço também ao querido João Lucas, por toda paciência e ajuda com essa e outras pesquisas. Vocês são a turma do meu coração, e quero levar cada nome ao longo da minha jornada nessa vida.

A todos profissionais que compõem a Universidade Federal Rural de Pernambuco, que direta ou indiretamente participaram dessa fase do meu caminho. Em especial a coordenação do curso de Licenciatura em História, que sempre esteve presente em todas as demandas e necessidades ao longo do curso.

Espero que essas simples palavras possam exprimir toda gratidão e felicidade que sinto ao lembrar de cada um, de cada momento. Espero encontrá-los no desdobrar de novos caminhos.

*Por que sou levada a escrever? (...) Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. (...) No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. (...) Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. (...) Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.*

*Gloria E. Anzaldúa*

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Elementos do século XIX e a moda no início do século XX .....	34
FIGURA 2 – Modelo de chapéu em 1910 .....	34
FIGURA 3 – Les Robes de Paul Poiret.....	35
FIGURA 4 – Modelo de casaco <i>rendigote</i> .....	36
FIGURA 5 – As saias <i>jupes culotes</i> .....	37
FIGURA 6 – Anúncio de inauguração da Casa Gondim .....	43
FIGURA 7 – Anúncio da Casa Gondim publicado no Kodak PE .....	44
FIGURA 8 – Fotografia de Edwiges de Sá Pereira em 1911 .....	46
FIGURA 9 – Novas modelagens na Revista La Femme Chic, nº 80, 1917 .....	46
FIGURA 10 – Tailleur feminino em 1917 .....	47

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>Os meandros da moda: a construção dos símbolos e das práticas culturais ...</b>	<b>18</b>
<b>O Recife no fluxo da modernidade: novos hábitos e desencantos .....</b>	<b>23</b>
<b>O feminino em (des)construção: as mulheres recifenses .....</b>	<b>29</b>
<b>Casa Gondim no Recife: a moda entre significações .....</b>	<b>40</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>

## RESUMO

Este trabalho objetiva analisar de que forma as novidades presentes na moda recifense, entre os anos de 1916 a 1920, se contrapõem aos modelos tradicionais de gênero e padrão da mulher ideal, representando tanto uma ruptura nos costumes quanto uma ferramenta de transgressão feminina. A escolha do recorte temporal se justifica em razão das novidades que são apresentadas com o desfile da Casa Gondim, ocorrido no ano de 1916, além das mudanças na moda nos primeiros anos do pós guerra que precedem os chamados “anos loucos”. Para tal, a metodologia foi composta por pesquisa bibliográfica e análise de jornais e revistas do período, de modo a identificar os elementos que contribuíram para a inserção de novas práticas na sociedade. Com base nisso, investigamos como as mudanças espaciais e as inovações ocorridas nas práticas de socialização, bem como sua influência na importação e uso de novas tendências de moda, representaram uma ameaça ao modelo de moralidade que regia a sociedade recifense no período, refletindo na representação do macho nordestino e na figura da mulher de boa família. O referencial teórico apresentado ao longo deste trabalho, nos auxiliou na análise a respeito da relação entre a moda e construção simbólica dos gêneros em perspectiva binária. Os conceitos de *habitus*, distinção e campo em Pierre Bourdieu, contribuíram na compreensão da moda enquanto prática cultural, percebendo sua utilização como dispositivo de poder simbólico, a fim de reafirmar papéis e características esperadas na binariedade relacional entre feminino e masculino. O conceito de gênero desenvolvido por Joan Scott nos permitiu pensar a concepção de feminilidade como uma categoria histórica, que varia de acordo com o contexto e as relações de poder do período. Dessa forma, as transgressões presentes na moda feminina, no recorte temporal da presente pesquisa, delinearam novas formas de “ser mulher”, mostrando que a moda, enquanto prática cultural, tanto pode ser utilizada como ferramenta de disciplina dos corpos, quanto como discurso que desnaturaliza os ideais morais e biologizantes atribuídos ao feminino.

Palavras-chave: Moda feminina; Gênero; Recife.

## ABSTRACT

This work aims to analyze how the novelties present in Recife's fashion, between 1916 and 1920, are opposed to the traditional models of gender and pattern of the ideal woman, representing both a break in customs and a tool of female transgression. The choice of the time cut is justified by the novelties presented with the Casa Gondim parade, which took place in 1916, in addition to the changes in fashion in the early post-war years that preceded the so-called "golden years". For this, the methodology was composed by bibliographic research and analysis of primary sources, to identify the elements that contributed to the insertion of new practices in society. Based on this, we investigated how the spatial changes and innovations in socialization practices, as well as their influence on the importation and use of new fashion trends, represented a threat to the model of morality that governed the Recife society in the period, reflecting on the representation of the Northeastern male and the figure of the woman of good family. The theoretical reference presented throughout this work helped us in the analysis of the relationship between fashion and the symbolic construction of gender from a binary perspective. The concepts of habitus, distinction, and field in Pierre Bourdieu, contributed to the understanding of fashion as a cultural practice, perceiving its use as a device of symbolic power, to reaffirm roles and characteristics expected in the relational binary between female and male. The concept of gender developed by Joan Scott allowed us to think of the conception of femininity as a historical category, which varies according to the context and power relations of the period. In this way, the transgressions present in the feminine fashion, in the temporal cut of this research, have outlined new ways of "being a woman", showing that fashion, as a cultural practice, can be used both as a tool for body discipline and as a discourse that denaturalizes the moral and biological ideals attributed to the feminine.

Keywords: Feminine fashion; Gender; Recife.

# INTRODUÇÃO

Tendo a moda como único meio  
lícito de expressão, a mulher  
atirou-se à descoberta de sua  
individualidade, inquieta, a cada  
momento insatisfeita, refazendo  
por si o próprio corpo, [...].

(SOUZA, Gilda. M. O espírito das roupas: a  
moda no século dezenove. São Paulo:  
Companhia das Letras, 1996. p. 100.)



Dentro de cinco anos outras serão as nossas condições. O Recife está ansioso pela sua remodelação, querendo mirar-se nas águas do Atlântico com suas pompas de cidade moderna. Deem-lhe avenidas, porque somente isso lhe falta. Já tem cinemas, autos e cafés concerto. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1910, p. 1)

Desde fins do século XIX, a cidade do Recife começava a ganhar ares de destaque frente a economia regional. A importância do seu Porto era significativa não apenas para as questões político-administrativas e financeiras, em razão da localização privilegiada dos centros comerciais, mas também dando evidência as atividades culturais da cidade (COUCEIRO, 2003, p.41). Desembarcavam na capital pernambucana as ideias de progresso e modernidade que logo transformaram a paisagem e os costumes daquela sociedade. Tais novidades não representaram uma unanimidade entre os grupos da elite recifense. Ao verificar artigos do período, publicados nos jornais que referenciam ao longo desta pesquisa, observamos que os discursos relacionados aos novos hábitos possuíam uma ambivalência. Ora ligados a defesa de uma tradição regionalista, ora relacionados ao discurso progressista de civilidade.

Nesse contexto, quando pensamos em análises a respeito das rupturas culturais vivenciadas nas capitais brasileiras do século XX, comumente aludimos as notáveis transformações ocorridas nos chamados “anos loucos”. Nos referimos não apenas aquelas de cunho espacial, mas sobretudo a criação de novos discursos, valores simbólicos que imprimiram nos corpos uma reconfiguração das antigas ideias arraigadas. A década de 1920 apresenta referências massivas sobre as novas figuras urbanas. Melindrosas e almofadinhas, ao incorporar novos costumes disruptivos expressos nas características estéticas e fisionômicas do corpo, confrontaram normativas e se tornaram o argumento de discursos ambíguos sobre o processo de modernização (NASCIMENTO; MELO, 2014, p.14). Contudo, é necessário olhar para os pequenos caminhos que primeiro foram abertos para que esses e outros costumes pudessem adentrar.

Segundo Oliveira (2002), desde o início do século XX, a cidade do Recife experiencia a conversão do seu território no que os conservadores chamavam de espaços “sedutores”. Entendendo o conservadorismo no Brasil como um movimento complexo e específico a cada período, denomino nesse contexto os

grupos que possuíam certa resistência às mudanças, para além das configurações políticas do país, preocupando-se com o que Domingues (2002) denominou de “política da vida”, como os comportamentos da vida privada, imagem das mulheres na sociedade, sexualidade e afins, buscando preservar o que denominavam de bons costumes. Embora muitos/as autores/as tratem de uma possível laicização do estado na Primeira República, os preceitos cristãos ainda aparecem na imprensa como métrica do que é considerado natural e aceitou ou não (LEITE, 2011, p.42-43).

No processo de modernização, cada modificação favorece o surgimento de novos hábitos, e todos eles parecem estar relacionados entre si. O alargamento das vias faz nascer o *footing*, que precisa das casas de moda para garantir um bom relato do seu status nos jornais. As mulheres da elite que antes estavam relegadas ao espaço doméstico, agora compartilham novos lugares de sociabilidade<sup>1</sup>, - como cafés e cinemas - em um não tão sutil movimento de mudança das suas subjetividades. Os ares de liberdade, aliados aos novos discursos de emancipação da mulher, pareciam estremecer os alicerces patriarcais no qual foi construída a ideia e imagem da mulher ideal. Distante disso não está o corpo. Sendo parte da subjetividade do indivíduo, pode também ser moldado historicamente, de acordo com os interesses dos grupos hegemônicos (BORIS; CESIDIO, 2007, p.10) de cada época, e que no contexto desta pesquisa, se refere a configuração patriarcal representada por homens da elite lidos como brancos. De acordo com Sant’Anna (2005), “O corpo é ele mesmo uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobretudo, um objeto histórico. (...) é, ele próprio, um processo”. Dessa forma, seria a moda uma ferramenta de reafirmação dos lugares e papéis destinados aos corpos em uma perspectiva binária de gênero?

À vista disso, este trabalho objetiva analisar de que forma as novidades presentes na moda recifense entre os anos de 1916 a 1920, contrapõem os modelos tradicionais de gênero e padrão de mulher ideal, representando tanto uma ruptura nos costumes quanto uma ferramenta de transgressão da mulher. A

---

<sup>1</sup> É importante salientar que antes mesmo da primeira guerra, já era comum a presença de mulheres negras nos espaços públicos de trabalho – como por exemplo através de vendas “irregulares” como meio de subsistência no pós abolição. In: SILVA, Maciel Henrique. **Pretas de Honra**: vida e trabalho de domésticas e vendedoras no Recife do século XIX. 1840-1870. Recife. Ed. Universitária da UFPE, co- edição, Salvador: EDUFBA, 2011.

escolha do recorte temporal se justifica em razão dos acontecimentos presentes nos referidos anos, e suas consequências na moda a partir de então. A festa promovida pela Casa Gondim no ano de 1916, marca o ponto de inserção de novas tendências no vestuário e outros elementos de moda na cidade do Recife, culminando na catarse encontrada na cultura e discurso visual dos anos 1920. Muitos são os trabalhos que se debruçaram em levantar e analisar fontes sobre o Recife da década de 1920, buscando identificar o reflexo das transformações nos hábitos da sociedade, incluindo a moda. Objetivamos aqui apresentar os primeiros indícios dessas rupturas ou transgressões dos padrões normativos de gênero, a partir da moda feminina. Dessa forma, com base no exame das fontes dispostas ao longo deste trabalho, procuramos levantar dados que remontassem a trajetória da moda moderna no Recife, identificando as primeiras nuances de mudança nos valores de feminilidade. Além disso, apontar os personagens que participaram do processo, atentando ao caráter de seu posicionamento.

A moda, enquanto objeto de análise histórica, possui desdobramentos complexos se pensarmos que seu uso, intenções e gostos não são apenas manifestações inerentes aos sujeitos. Segundo Bourdieu (2007) o gosto, assim como preferências e práticas, são forjados simbolicamente através das relações existentes entre os indivíduos e as principais instituições socializadoras, que aqui são representadas pela família, Igreja e a mídia impressa. Com base nos conceitos de *habitus*, distinção e campo cunhados pelo sociólogo, podemos perceber a plasticidade do seu uso, uma vez que novos *habitus* podem ser formados em disputa neste campo que é a moda. À vista disso, as expressões incorporadas através da moda, estariam ligadas aos interesses de um poder simbólico que imprimiu no corpo das mulheres os valores e limites da sua subjetividade.

Conforme Scott (1995), o gênero é uma categoria social que determina um modelo sobre um corpo sexuado. Na configuração de sociedade patriarcal, o gênero é relacional, uma vez que um só existe se confirmado em oposição ao outro. Se até a segunda década do século XX, as características de feminino possuíam determinações específicas e essas estavam impressas nas roupas, a partir da metade da década de 1910, surgem novas formas de expressar a feminilidade. Desse modo, se observarmos as relações de gênero em seu período específico e

no contexto do campo de disputas em que é originada, vemos que a concepção do “ser mulher” é moldável aos interesses.

A seguir, será apresentado o debate teórico, de modo a situar a moda enquanto prática cultural. Para pensá-la em uma perspectiva de análise histórica, é importante explicitar os valores morais em que estava inserida a cidade do Recife desde o início dos anos de 1910, bem como o contexto de transições que se sucedem. Serão também apresentadas as concepções normativas, bem como as ambiguidades em torno das novas práticas estéticas da moda feminina. Por fim, demonstrar a significação da festa promovida pela Casa Gondim, evidenciando seu marco na introdução de novas tendências e, conseqüentemente, novas formas e usos do corpo através da moda.

# OS MEANDROS DA MODA: A CONSTRUÇÃO DOS SÍMBOLOS E DAS PRÁTICAS CULTURAIS



A Moda [...] emancipou a aparência das normas tradicionais, ao mesmo tempo em que impunha a todos o ethos da mudança, o culto da modernidade; mais do que um direito, a moda tornou-se um imperativo social categórico.

(LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p.68.)

Ainda que a cultura da moda esteja associada a sociedade moderna (LIPOVETSKY, 2009, p.24), os elementos que a compõem - entendendo que estes extrapolam a ideia de moda vinculada apenas ao vestuário - sempre fizeram parte das organizações e socializações nos mais diversos períodos. A exemplo, as Leis Suntuárias representam uma ferramenta normativa pela qual o(a) historiador(a) pode revisitar sociedades distintas, - desde a antiguidade até a Idade Média - de modo a analisar o papel das roupas e acessórios na distinção e hierarquização entre os grupos sociais (VELOZO, 2020, p.16-17). Dessa forma, compreende-se que a concepção dos costumes de um período, e/ou representação de um grupo, está permeado de interesses e poderes exercidos de forma simbólica. Observando as mudanças ocorridas na sociedade brasileira da Primeira República, sobretudo com o advento de elementos modernizadores que alteraram significativamente a configuração social - e consequentemente os costumes - no referido período, questionamos o alheamento da moda como objeto de análise socio/cultural dentro das pesquisas na História, corroborando para uma noção de moda, gosto e hábitos naturalizados.

Diante disso, alguns conceitos desenvolvidos pelo sociólogo Pierre Bourdieu, utilizados em suas investigações sobre as construções de práticas culturais, fundamentaram as análises sobre a moda na cidade do Recife entre os anos de 1916 a 1920. De modo a compreender de que forma a estética e o vestuário foram usados como elemento de reafirmação dos valores morais atribuídos a mulher, estando estes de forma relacional à virilidade masculina. Dentre os conceitos cunhados pelo autor, consideramos *habitus*, *distinção* e *campo*, um trinômio importante para entender a moda como um conjunto de símbolos e valores que compõem uma prática social. Para Bourdieu (2011), o indivíduo é resultado da interiorização das influências exteriores, e seu meio é resultado da exteriorização das suas subjetividades. Dessa forma, aquilo que é concebido e compartilhado como costume de uma sociedade, se constitui como resultado das demandas e interesses presentes nas relações sociais. Nessa perspectiva, o *habitus* - uma prática externada - representa um conjunto de formações individuais que se estruturam na mente, adquiridas nas e pelas experiências práticas, de troca entre os demais agentes sociais. Assim, a moda é compreendida tanto como resultado de tais processos de construção das

subjetividades, quanto como expressões compartilhadas com a sociedade, que são conseqüentemente introjetadas por outros indivíduos, produzindo dessa forma uma prática cultural - o que Bourdieu chama de condições estruturantes.

Dentro da configuração do referido período, entendemos que o papel e correlação de algumas instituições socializadoras foram imprescindíveis para a constituição e propagação de um ideal de feminilidade, pautado na fragilidade e recato<sup>2</sup>. Tais características figurativas se materializam nas indumentárias, acessórios e comportamentos, de modo que podemos percebê-las como ferramenta de diferenciação entre grupos, sejam entre classes sociais ou gêneros, como reitera este trabalho. Essa identificação de indivíduos ou grupos através de suas roupas, ou outros elementos de moda, representa uma ordenação que os inclui ou exclui de espaços, - físicos ou simbólicos - a fim de determinar os códigos que regem aquela sociedade. Tal prática é denominada por Bourdieu através do seu conceito de *distinção*, no qual evidencia uma convenção social verticalizada, onde os agentes detentores de poder exercem um controle - ainda que simbólico - sobre os demais. Nesse sentido, os padrões estéticos de corpo, vestuário e comportamento, esperado nas ditas mulheres de boa família, são entendidos como uma forma de *distinção*, um modo pelo qual seu papel na sociedade é simbolicamente expresso.

As instituições socializadoras anteriormente citadas, são representadas nesse período pela relação entre a família, Igreja Católica e o Estado. Embora estivessem teoricamente separadas pelo ideal laico de República, mantinham diálogos frente aos temas da política e sociedade, uma vez que a influência da Igreja Católica na sociedade do período era muito significativa (MARQUES; AMARAL, 2013, p.9-10), sobretudo na região denominada atualmente como Nordeste. Compreendemos que estas instituições utilizavam a moda como ferramenta para manutenção de uma imagem de feminilidade e masculinidade que servia aos ideais da família nuclear e burguesa. Estando esta fundamentada na diferenciação binária que norteia os papéis sociais de homens e mulheres,

---

<sup>2</sup> É importante reiterar que a lógica de mulher ideal neste período, aquela que deve se dedicar ao lar, está vinculada sobretudo as mulheres de elite - e, portanto, lidas como brancas - uma vez que as mulheres racializadas sequer tinham direito aos seus lares, precisando trabalhar como domésticas ou em outros espaços informais de trabalho.

qualquer elemento de modernidade que transgredisse tais valores seria considerado imoral e fora da normalidade. Nessa perspectiva, a ideia de *distinção* possui caráter dual, servindo tanto como controle - através do poder simbólico de tais instituições - que reafirma o lugar e a imagem ideal da mulher, como também um caminho para romper as normas estabelecidas pelos grupos hegemônicos. Essa possibilidade de ruptura se dá devido à plasticidade dos conceitos trazidos por Bourdieu, ao afirmar que o *habitus* não é um destino ou algo que se reproduz de forma involuntária, e sim uma relação dialética entre os agentes e as condições sociais:

Enfim, o conhecimento que podemos chamar de praxiológico (que) tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade. (BOURDIEU, 1983b, p. 46-47)

O entendimento do *habitus* se torna mais claro quando relacionado ao *campo*, já que estes são interdependentes. O *campo* representa o espaço de propagação, reprodução ou disputa entre os agentes sociais. Dessa forma, no tocante à moda, podemos entendê-la como a esfera onde os interesses se materializam. Nela, tanto o corpo e essência feminina podem ser criados e reproduzidos, como transgredidos ao romper a barreira simbólica que demarca as diferenças entre os gêneros. No momento em que se descumprir uma conduta normativa, essa transgressão pode representar a construção de um novo *habitus*, sendo este um processo contínuo, sempre aberto a experiências partilhadas no *campo*. Assim, como assinala Setton

Na luta pela produção de uma visão legítima de um gosto, na luta pela imposição de uma concepção estética ou de uma tendência de moda, o que se poderia verificar também era a existência da disputa pela autoridade de um poder simbólico no mundo social. (2008, p. 133)

No contexto temporal da referida pesquisa, tanto o processo de modernização em que se encontrava a cidade, como novos ideais de emancipação - como o movimento feminista - podem ser considerados elementos imprescindíveis para as mudanças no vestuário e comportamentos sociais. Tais

percepções e apropriações seriam incorporadas às subjetividades dos agentes sociais gerando ações híbridas que, a partir dos seus anseios e necessidades, poderiam criar costumes expressos através do vestuário e outras linguagens da moda.

## O RECIFE NO FLUXO DA MODERNIDADE: NOVOS HÁBITOS E DESENCANTOS



[...] O mundo de hoje é para gente moldada á moderna. Os homens vestem-se imitando as mulheres. As mulheres estão se despindo aos poucos, até os cabelos.

(BELLO, Julio. Brilhantes, usinas e automóveis. **Diário de Pernambuco**, Recife, 13 de setembro de 1925, p. 4, c. 2.)

São as novas ruas que se abrem, as novas avenidas, os novos prédios, os calçamentos que aí vem, o movimento dos automóveis, o Ford batendo em toda linha as velhas carroças, um sopro de modernismo enfim que vae desde as construções até as toilettes das moças e os fatos do rapazio. Nem faltou a invasão do “almofadismo” carioca ou o “melindrosismo” agudo das pequenas que fazem o footing naquele Flamengo ideal do Guanabara. (FERNANDES, 1919, p. 3, c.2)

Modernidade, caráter ou estado do que é moderno, segundo a etimologia da palavra remete ao novo, uma ruptura com o passado. De acordo com Le Goff (1990), o conceito surge em fins do século XIX, dentre os escritos de Baudelaire, exprimindo um sentimento de exaltação ao transitório, se opondo a rigidez de um tradicionalismo. A modernidade é representada como um projeto de transformações que nascem no campo discursivo e se concretizam na prática, através do processo de modernização. Em outras palavras, a modernidade se expressa nos sentimentos de progresso e “evolução”, enquanto a modernização diz respeito a ação de fato, através de mudanças visíveis nos espaços físicos e práticas culturais.

No contexto de mudanças da cidade do Recife no início do século XX, vale reiterar o caráter discrepante do propósito progressista, pautado em referências estéticas de caráter higienista. Tal modelo, que em teoria serviria a um bem estar social relativo às reformas urbanísticas, justificadas por um discurso médico que se dizia em prol de melhores condições de saúde, possui também o distintivo moral de vigilância dos corpos. Os saberes médicos compartilhados nesse novo projeto de sociedade consideravam não apenas a salubridade dos espaços de convívio e moradia, mas uma civilidade do corpo que deveria ser conquistada a partir da prática de boas maneira.

Segundo Foucault (2014), tanto a salubridade quanto insalubridade são elementos discursivos que concebem as ideias de higiene pública, controlando ou modificando os hábitos para que estejam de acordo com os padrões normativos de sociabilidade. Em uma república moderna, regida sob os valores da moral cristã, qualquer comportamento que parecesse um desvio a conduta esperada poderia ser considerado uma ameaça ao progresso e à civilidade. Estavam sob a vigilância disciplinar grande parte da população marginalizada, sendo considerados vagabundos, desordeiros e viciados. Em vigilância estava também as relações da

mulher solteira, vistas comumente como prostitutas, fato que representava um grande problema para as elites locais, associadas a sujeira e doenças (COUCEIRO, 2003, p.143-160). Dessa forma, os discursos sobre os cuidados com o corpo e a importância da higiene nas relações coletivas, aparecem como a principal ferramenta de controle das subjetividades (PARANHOS; PARANHOS, 2018, p.5), condição que norteia as análises sobre a moda no fluxo da modernização recifense.

A partir da década de 1910, o entusiasmo modernista proveniente das cidades europeias, - que até então estava limitado ao eixo Rio de Janeiro/São Paulo, resultado da herança colonialista - começa a fomentar não só os discursos escritos e divulgados por uma parte das elites recifenses, como também a percorrer e transformar as ruas da capital pernambucana (CEBALLOS, 2003, p.18). Com o advento da República e a industrialização do setor açucareiro, o estilo de vida de tradições coloniais, - caracterizado pelas famílias nucleares de senhores e sinhás, seus grandes casarões e longos passeios com transportes de tração animal - se deparou com uma onda de novidades apoiadas nos ideais de progresso da *belle époque*. Para que a ruptura com o chamado passado de atraso pudesse acontecer, projetos de reforma urbana foram largamente difundidos através dos jornais do período - veículos de comunicação de grande influência entre as elites, sobretudo a partir da segunda década do referido século (ARRAES, 2011, p.118). Tais reformas se espelhavam na cultura cosmopolita e na configuração espacial encontrada na cidade de Paris, comumente citada nos jornais pernambucanos como um dos principais centros progressistas de cultura do período.

Desde o início da década de 1910, jornais como o Diário de Pernambuco dedicavam suas colunas para informar e comentar sobre a chegada dos novos processos de modernização, como o alargamento das avenidas Central e Marquês de Olinda, que no lugar das estreitas ruas coloniais<sup>3</sup>, dariam lugar aos novos espaços de socialização inspirados nas *boulevards* parisienses. Com isso, outros elementos que compunham o cenário urbano do Recife, como os mocambos e cortiços, também passaram pelo crivo modernista pautado em uma ideia de “que a higiene é a condição vital da prosperidade dos grandes núcleos populosos”

---

<sup>3</sup> S. de S. *Conversas*. Recife, Diário de Pernambuco, 02 de outubro de 1910. p. 1.

(FERNANDES, 1910, p.1). Muitos desses espaços de moradia pertenciam aos antigos trabalhadores do setor açucareiro, que em razão das secas periódicas e consequentes crises na produção, migraram para os centros urbanos em busca de trabalho (SOUZA, 2016, p.39). A estrutura dos prédios era insalubre, com pouca luz e circulação de ar, e comumente abrigava mais de uma família, já que as casas possuíam de dois a cinco andares (DUARTE, 2018, p.96). Dessa forma, para acompanhar os ideais de civilidade, muito cortiços foram sendo substituídos por espaços de comércio (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1913, p.1). Tais mudanças atendiam não só as demandas estruturais sobre o espaço físico da cidade, como estética e mobilidade urbana, - ainda que elitistas e excludentes - como também estiveram acompanhadas de muita resistência por parte das grandes famílias de tradição colonial.

Desse modo, o processo de modernização do Recife parece ter sido erguido em bases dicotômicas, pois embora tais mudanças estivessem pautadas em discursos sobre progresso, muitos eram os grupos e personalidades da elite intelectual pernambucana que demonstravam suas insatisfações em relações aos novos costumes importados e incorporados pela sociedade recifense. Os discursos higienistas que fomentavam muitos dos debates e pronunciamentos encontrados nos principais jornais em circulação na capital, utilizavam a justificativa da limpeza e saúde para condenar os espaços de moradia utilizados pela população das classes pobres da capital, afirmando que

os cortiços imundos, os telheiros em que vivem animais e homens em promiscuidade, contribuem para a mortalidade quotidiana da cidade, e, entretanto, na sua ação insidiosa, não provocam as indignações alarmantes. Aí está, entretanto, o grande mal, e a condescendência secular conduziu a situação precária da atualidade; é preciso que não se prolongue para o futuro. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1911, p.3)

As novidades modernizadoras andavam lado a lado com o sentido moral no qual foi formada a identidade do que hoje entendemos como povo nordestino. Uma moralidade ligada ao modelo de vida colonial e, portanto, patriarcal, onde os corpos representavam papéis muito bem demarcados por uma binariedade biologizante, expressos nos costumes e hábitos. À vista disso, as ditas novas condutas da moda, difundidas através dos jornais, pareciam apresentar uma ameaça ao que autores

como Gilberto Freyre e Aníbal Fernandes denominavam de tradição regional. Dentre as novas tendências publicadas, estavam tônicos rejuvenescedores, produtos para saúde do homem e da mulher (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1916, p.8), remédios para virilidade (JORNAL DO RECIFE, 1914, p.6), e dicas de novos cortes de cabelo e roupas (JORNAL DO RECIFE, 1915 p.3), elementos que demarcavam a criação de um novo *habitus* e uso dos corpos. Com isso, os novos componentes da moda tanto eram utilizados em uma espécie de educação ou disciplina dos corpos, - se pensarmos nos discursos higienistas - como também apontados como sérios desvios dos valores tradicionais e morais (CEBALLOS, 2003, p.39).

Ceballos (2003) atenta para uma preocupação por parte da elite recifense em relação aos novos costumes incorporados pelos jovens, sobretudo a partir da década de 1910, os denominando de “maus costumes” em razão da resistência dos chamados tradicionalista aos novos hábitos cosmopolitas. Uma justificativa presente nos discursos encontrados em periódicos como Diário de Pernambuco e A província, era a perda da virilidade esperada por um homem de heranças rurais, como eram os antigos senhores de engenho <sup>4</sup>. Apontavam uma masculinidade em decadência, uma

“(…) uniformidade em todas as coisas. A mesma linguagem. Homens e mulheres atingindo na adolescência a mesma altura e o mesmo peso na mesma conformidade psicológica. (...) Chapéu, sapato, guarda sol de cabo (...) para homens e mulheres: mais nada. Em torno desses três efeitos de vestuário humano andarà a moda do futuro, criando e destruindo”. (BELLO, 1925, p. 4, c.2)

Deste modo, podemos observar dois pontos importantes para a compreensão da moda enquanto ferramenta de poder simbólico dentro de uma prática cultural. Em primeiro lugar, o que aqui denominamos de elementos da moda, servem a uma distinção de homens e mulheres dentro da lógica patriarcal. Portanto, a “uniformidade em todas as coisas” apontada por Júlio Bello<sup>5</sup> em coluna

---

<sup>4</sup> Apesar de toda reconfiguração na sua estrutura física, tentando se adaptar ao processo de modernização da cidade, o Diário de Pernambuco representava valores tradicionais, sobretudo quando o assunto tratava de posturas e comportamentos esperados por homens e mulheres no período. In: AMARAL, Tércio de Lima. **Uma ilha sem mulheres**: as relações de gênero nos suplementos literários da imprensa recifense em fins da década de 1920. 2015. 155 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

<sup>5</sup> Júlio Bello (1873-1951) foi um jornalista e memorialista pernambucano, nascido na cidade de

no Diário de Pernambuco, abala as divisões binárias que servem a identificação dos gêneros, e por consequência afetam os papéis e relações de poder de homens e mulheres na sociedade. Em segundo lugar, essa análise reitera o que Scott (1993) indica como construção histórica dos gêneros, uma vez que estas representações não são fixas, apresentando mudanças e incorporações de acordo com novas demandas e relações.

Ao conceber a binariedade dos gêneros enquanto representações, as pensamos à luz do conceito desenvolvido por Chartier (1990), no qual as percepções e valores compartilhados em uma sociedade aparecem como um conjunto de simbologias provenientes das relações de interesses e poder entre os grupos. Segundo o historiador,

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p.17)

Dessa forma, procuramos reiterar o diálogo entre a produção do *habitus* em Bourdieu, o modelo de representações em Chartier e a construção histórico-social dos gêneros feminino e masculino, como descrito no trabalho de Joan Scott. Nessa perspectiva, os ideais de feminilidade e masculinidade reproduzidos e esperados de homens e mulheres no referido período, são fabricados e sustentados a partir de um discurso que não é neutro, procurando imprimir nos corpos sexuados uma representação simbólica de um comportamento estético ideal a cada gênero. Assim, apresentar as mudanças e resistências em relação à masculinidade no período é importante para entendermos o lugar das mulheres na sociedade, bem como sua representação através da moda, uma vez que as categorias de gênero feminino e masculino são relacionais.

---

Barreiros. Contribuiu com artigos para os jornais A Província e o Diário de Pernambuco, onde expressava todo seu apego a vida e costumes rurais, onde passou grande parte da sua vida. In: AGRA DO Ó, A.. Júlio Bello: um homem velho fala sobre as velhices que viu e viveu. Clio. **Série História do Nordeste (UFPE)**, Recife, v. 28.1, p. 12, 2010.

# O FEMININO EM (DES)CONSTRUÇÃO: AS MULHERES RECIFENSES



Longe de serem evidência em relação ao mundo, feminilidade e masculinidade são objeto de uma produção permanente por um uso apropriado dos signos, de uma redefinição de si conforme o *design* corporal, tornam-se um vasto campo de experimentação.

(LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003. p.32.)

Desde o final do século XIX, diversos extratos da sociedade brasileira foram influenciados pelos ideais iluministas de progresso e civilidade. Tais discursos, que contestavam sobretudo a influência da Igreja e sua relação com o Império no Brasil, foram responsáveis também por questionar os papéis de dependência e limitação das mulheres da elite - algumas pertencentes a famílias ricas e com formação universitária - aos espaços domésticos. Nesse contexto, há uma inserção e participação de mulheres nas pautas abolicionistas, marcando o início de sua entrada na vida política do país (NASCIMENTO; LUZ, 2015, p.15-23). Ainda que os discursos dos homens ditos progressistas que as requisitaram, estivessem pautados em uma justificativa biológica, afirmando serem mais propícias ao diálogo e negociação devido à afetividade feminina, muitas foram as mulheres que protagonizaram as lutas abolicionistas no Recife, dentre elas Leonor Porto, modista que ganhou notoriedade com sua atuação política (LEANDRO, 2020, p.30). Tais atividades proporcionaram a essas mulheres espaços de fala nos principais jornais do período, seja contribuindo em colunas com artigos de opinião e poemas, ou dirigindo seus próprios periódicos direcionados ao público feminino.

No Recife do início do século XX, a poetisa Edwiges de Sá Pereira representa o prestígio conquistado pelas mulheres da elite que lideravam a luta pela emancipação e direitos políticos das mulheres. Antes mesmo de fundar a Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino, a escritora e professora já possuía espaço e notoriedade na imprensa recifense, contribuindo para os principais jornais da cidade, como Jornal Pequeno, Diário de Pernambuco, Jornal do Recife, entre outros, além de ter sido sócia correspondente da Academia Pernambucana de Letras entre os anos de 1901 a 1920 (AMARAL, 2011, p.1-16). Embora suas articulações com Bertha Lutz tenham se iniciado nos anos de 1920, seus discursos em defesa dos direitos das mulheres datam do início da República, sendo autora de grande produção sobre o tema. Em *Uma das faces do feminismo em Pernambuco: Transgressões e permanências na trajetória da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino (1931-1937)*, Emelly Facundes (2018) trata do caráter de atuação da escritora e poetisa, enfatizando sua postura enquanto mulher progressista católica, fato que direcionava suas práticas e discursos.

Apresentar as particularidades do posicionamento político de Edwiges de

Sá Pereira se mostra importante para observarmos as ambiguidades da moda no cenário de modernização da cidade do Recife. Tendo como referência as novas tendências de moda, importadas e publicadas nos principais jornais do período, buscamos realizar uma análise dos seus discursos a respeito da estética, entendendo que esta funciona como ferramenta simbólica de reafirmação do seu posicionamento:

Hoje uma vespa a mais fere a delicadeza do sentimento poético e o enxota do nosso convívio: é moda. (...) A que ora temos nada distingue que lhe faça honra, nem honra a ninguém com a sua distincção. E' desintelligente e pouco honesta: mistura a graça natural com o coquettismo de arranjo, prejudicando a beleza real quase inapercebida, na desconfiança que aos olhos do observador suggere a impudente camada do artifício. – Cousas da guerra, dizem... (PEREIRA, 1920, p.1)

Ao iniciar este artigo no Jornal Pequeno, intitulado Poesia e Moda, Edwiges de Sá Pereira demonstra seu posicionamento contrário as novas tendências de moda incorporadas no período pós guerra. Para ela, as novidades representariam nada mais que um exagero frente ao modelo de beleza e os atributos considerados inatos a mulher, pautados na ideia de virtude e fragilidade. De acordo com Souza (1987), o modelo de estética feminina herdado do século XIX, denotava um movimento de oferta e recato, onde deveriam estar nem tão cobertas que não pudessem ser vistas, nem tão desnudas que as fizessem indignas do cortejo de um homem respeitável.

A economia dos vestidos curtos trouxe em consequencia esse cortejo de exaggeros que vai degenerando em escândalo. Um corpete sem manga, sem gola, a metade de uma saia aparentam, realmente, economia (...) Se alguma dedução podemos tirar desse quasi absoluto domínio da moda actual, é que os nossos velhos principios estão no fim, substituindo-os esses insolente arrivismo que põem olheiras e rouge nas moças, (como se a côr viva e fresca da saúde fosse compatível com esse insophismavel symptoma de anemia ou chlorose) (...) – E' um período de transição, dizem os mais tolerantes. (PEREIRA, 1920, p.1)

Na Recife pós Primeira Guerra, noticiavam-se os efeitos do conflito mundial sobre o comércio, a moda e, conseqüentemente, nos hábitos da sociedade recifense (VIDA MODERNA, 1919, p.10). Na medida em que o preço dos tecidos se elevava, restringindo ainda mais seu uso as elites, o tamanho das peças diminuía, causando indignação entre os grupos conservadores da cidade. No trecho acima, a autora expressa seu temor frente as mudanças ocorridas na moda,

afirmando serem uma afronta aos “velhos princípios”. Tais valores garantiam a manutenção da moral e pudor entre as mulheres de boa família, que deveriam ser expressos através das representações simbólicas do gênero binário presentes na moda do período.

Temo muito que o não seja: em costumes, mesmo o que é transitório não consegue passar sem deixar um germen, um rastilho: e, uma vez inoculado o vírus, é muito difícil a extinção absoluta do mal. Isto no momento em que o feminismo, victorioso em toda linha, assenta lady Nancy no parlamento inglez (...) Não pensamos que exercer autoridade fugindo às responsabilidades não é uma conquista digna: é uma usurpação, uma caricatura de victoria que levanta a bandeira da discórdia em tantos lares. (...) como poderemos exigir a sinceridade nas urnas se não somos sinceras nem a nós mesmas, cobrindo-nos de tinta e pó, em *maquillages* (...)? Trocar isso pela graça ou sem graça natural e simples – é muito difícil. Trocar por esse ideal feminista universal de trabalho, de reabilitação, de independência econômica, de integralização social, de humanismo, emfim, - quem o faria? (PEREIRA, 1920, p.1)

Embora as transformações no vestuário aparecessem nos jornais como vinculadas as ideias feministas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1914, p.2), posicionamentos como de Edwiges de Sá Pereira, - mulher que além de pertencer à elite intelectual, se intitulava como feminista e progressista – mostram que as representações simbólicas da moda possuíam sentidos diversos, estando relacionadas com a subjetividade de cada indivíduo. Em outras palavras, a concepção de feminilidade presente nos discursos de Edwiges de Sá Pereira, estava vinculada a sua criação enquanto mulher católica, mantendo suas pautas sobre direito da mulher desassociadas das questões sobre corpo e relações de esfera privada. A nova moda em seu referido artigo, aparece como um desvio das pautas consideradas relevantes para a efetivação da emancipação feminina.

As críticas levantadas até aqui, à respeito do caráter liberal dos posicionamentos de Edwiges de Sá Pereira, servem apenas para esclarecer os alcances e limites do seu discurso, considerando que em nada reduzem a importância do seu protagonismo em um cenário jornalísticos e literário predominantemente masculino. Além disso, a escritora, poetisa e professora pernambucana representou uma das faces do feminismo no estado (FACUNDES, 2018, p.10), reivindicando conquistas sociais e políticas para as mulheres. Contudo, Edwiges, assim como outras mulheres que são referências na história dos feminismos no Brasil, possui as ambiguidades e limitações provenientes do

seu lugar social, vivência e repertório referente a cada período de sua vida e atuação.

Como esclarece Scott (1995), a percepção do “ser mulher” deve ser observada dentro do contexto de cada época, uma vez que é construída a partir das relações de poder que se estabelecem entre os grupos e sujeitos. À luz das discussões cunhadas por Pateman (1993) sobre a origem do Estado, podemos afirmar que o modelo de República na qual estavam inseridas as mulheres no início do século XX, é representado por instituições hegemônicas de dominação masculina<sup>6</sup>. Portanto, as nuances de sua participação no contrato social tem caráter sexual, uma vez que seus lugares eram definidos por discursos biologizantes de inferioridade física e intelectual.

Nessa configuração de sociedade patriarcal, as representações simbólicas atribuídas ao feminino nascem como uma ferramenta de manutenção da condição verticalizada entre homens e mulheres, estando essas últimas em posição de subalternidade. Aqui a moda assume um importante papel na introjeção de valores e construção de *habitus* alinhados aos interesses hegemônicos. Docilidade, fragilidade e recato eram os símbolos evocados na moda feminina até a primeira década do referido século.

---

<sup>6</sup> Sendo estes homens lidos como brancos e que performavam a masculinidade esperada as normativas heterossexuais. In: SILVA, Natanael de Freitas. **Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior.** História, histórias, Brasília/DF, v. 3, n. 5, p. 7-22, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10826>. Acesso em: 20 jan 2021.

Figura 1 – Entre o final do século XIX e início do século XX, os elementos da moda feminina serviam a uma modelação do corpo. Para isso, os espartilhos e cintas demarcavam as cinturas, diferindo das silhuetas retas do corpo masculino. Os babados e rendas dispostos nas golas, mangas e punhos, denotavam a docilidade do romantismo atribuído à concepção naturalizada do feminino.



M.<sup>me</sup> Julia Ramos, em passeio pela Rua Duque de Caxias

Fonte: Revista Cri Cri, Ano I. Recife, agosto de 1908, p. 8.



Figura 2 – Ainda nesse período, os chapéus eram grandes e bem ornamentados, o que distinguia também o lugar social de cada mulher.

Fonte: Jornal Pequeno, Recife, 03 de janeiro de 1910, p.9.

Na representação simbólica da binariedade, as roupas possuem significações mesmo quando o corpo está ausente. Por exemplo, saias e calças são identificadas como sendo roupas femininas e masculinas, independente do corpo que a veste. Dessa forma, podemos considerar que os elementos presentes no vestuário, constituem sinais de integração ou distinção social que definem as relações de gênero e poder. Sendo os gêneros categorias construídas historicamente, não representam condições imutáveis. Se a partir do corpo nascem as diferenciações sexuais que demarcam os espaços de masculinidade e feminilidade, é nas

alterações de representação do corpo que essa divisão binária é confrontada.

As mudanças nos padrões esperados a mulher remetem ao início do século XX, onde as contribuições do renomado estilista Paul Poiret descortinam uma nova representação estética do vestuário feminino (DIAS, 2017, p.1-16). Até o início do referido século, o corpo feminino era referenciado pela cintura em formato de ampulheta, conquistado com o uso diário do espartilho. Em 1908, Poiret apresenta seu catálogo intitulado *Les Robes de Paul Poiret*, onde publica suas modelos vestidas em modelagens retas e alongadas, características até então atribuídas ao vestuário masculino, como a imagem cilíndrica de fraques e cartolas.



**Figura 3-** Os vestidos de Paul Poiret marcaram a passagem de uma silhueta em formato de “X”, para um apresentação de corpo mais longilíneo. A modelagem das mangas e cintura assemelham-se as do vestuário masculino. (*Les robes de Paul Poiret*, 1908).

**Fonte:** Álbum *Les Robes de Paul Poiret* ilustrado por Paul Iribé<sup>7</sup>.

Apesar de se auto intitular o libertador das mulheres em relação ao espartilho, a adesão de suas peças possui outras influências na sociedade. Dentre elas a incorporação dos esportes nos hábitos das mulheres da elite e das camadas médias da sociedade, e com o advento da guerra no final da década de 1910. Ambos os fatores necessitavam de roupas que garantissem maior mobilidade e leveza para execução das tarefas (DIAS, 2017, p.1-16). Em artigo publicado no Diário de Pernambuco, intitulado “A bengala de Mme. Z.” e assinado por Julio Dantas, os modelos de Paul Poiret aparecem citados como modas “garçonieres”, presentes nos guarda-roupas de mulheres masculinizadas, ágeis e “arrapazadas”. O autor chama a atenção para as mudanças na representação de feminilidade, ao

<sup>7</sup> Disponível em: <https://archive.org/details/lesrobesdepaulpo00irib/page/n9/mode/2up>. Acesso em 26 jan 2021.

afirmar que “toda época tem seu tipo ideal” (DANTAS, 1919, p.4). Com isso, alude a performatividade dos gêneros a partir da utilização dos símbolos presentes no vestuário em cada período.

Na capital pernambucana dos anos de 1910, novidades e mudanças na moda já começavam a confrontar uma concepção da estética feminina natural, expressas nas silhuetas marcadas com espartilho e nos comprimentos preocupados com o recato da mulher de boa família. Dentre as novas tendências, estavam as modelagens *redingotes* e jupe *culotte*, que ultrapassavam os limites demarcados entre os sexos, uma vez que suas referências eram originalmente extraídas do guarda-roupa masculino.

**Figura 4 - A *redingote* é um tipo de casaco comprido com corte semelhante ao do fraque masculino. Os chapéus também apresentam mudanças e incorporações do que antes era considerado como masculino. Com modelagem menor e abas curtas, os modelos *canotier* e *cloche* passam a compor a nova moda feminina.**

**Fonte:** Jornal Pequeno, 26 mar 1916, p. 3. Recife.



Figura 5- Ilustração da nova tendência em modelagem de saias: as jupes culottes. Saias levemente bifurcadas na altura dos tornozelos.



Fonte: Jornal Pequeno, 18 mar 1911. p. 3. Recife.

Essas tendências não chegaram sem resistência por grande parte da sociedade. O Jornal Pequeno publicou um artigo escrito por Eugenio Silveira para o Correio da Manhã, acompanhando a imagem acima. Nele, o autor afirma que as novas saias em forma de calças são o inconveniente máximo das feministas, em sua tentativa de se comparar aos homens. Poucos dias depois, o Diário de Pernambuco publica um artigo falando sobre a chegada da peça ao Recife, questionando quem teria coragem de utilizar o traje, devido a sua má recepção no Rio de Janeiro (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1911, p.1). Poucos anos depois, a modelagem *redingote* dividia opiniões na sociedade. A peça se assemelhava as casacas masculinas para montaria, abandonando os babados e golas altas que ainda eram presentes na moda da era eduardiana<sup>8</sup>. Nos discursos mais progressistas, aparecia como sinônimo de liberdade para as mulheres, mas sem perder o que esperavam da elegância feminina (JORNAL DO RECIFE, 1915, p.3). Saem as curvaturas dos arames nas antigas saias, mas se mantêm a marcação

<sup>8</sup> A Era Eduardiana corresponde aos de 1901 a 1910, duração do reinado do rei Eduardo VII. Nesse período, a moda feminina expressava corpos bem delineados, com silhuetas no formato de ampulheta ou “s”. Embora as saias fossem menos volumosas, exaltava-se o volume do busto, com babados e rendas. In: ORSI, Vivian; ALMEIDA, Marcele Cristina. **Moda e literatura no Brasil: considerações sobre o léxico do século XIX / Fashion and Literature in Brazil: Considerations on the 19th Century Lexicon**. Caligrama: Revista de Estudos Românicos, [S.l.], v. 24, n. 2, p. 193-207, ago. 2019. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/14226>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

da silhueta sem o uso dos espartilhos, que com os discursos higienistas vai perdendo seu status positivo<sup>9</sup>.

Outros elementos da modernidade representavam o temor das camadas conservadoras da sociedade recifense. Novos espaços de sociabilidade como cafés, cinemas e casas de moda, pareciam dar mais liberdade as mulheres, fato muitas vezes comentados nos jornais por intelectuais da elite, como Gilberto Freyre, como sendo comportamentos excessivos, impróprios para mulheres de boa família<sup>10</sup>. Sobre esses espaços, era comum separar as mulheres de respeito daquelas consideradas “mundanas” (NASCIMENTO; LUZ, 2015, p.43). Com base nisso, a moda, em sua vasta expressão, (vestuário e comportamentos) assume um papel de distinção dos sujeitos, julgados a partir dos elementos que os identificam como estando dentro ou fora dos padrões normativos esperados. Essa distinção se dá através de uma vigilância simbólica, que, segundo Oliveira (2002), educa os corpos através dos hábitos e expressões de moda, classificando o que são bons e maus costumes.

A partir desse cenário, podemos compreender a ambivalência dos discursos a respeito dos novos *habitus* de moda. De um lado, os discursos tradicionalistas e conservadores procuravam condenar os novos costumes, afirmando serem uma ameaça à ordem moral que regia a sociedade. Afinal, o estabelecimento do modelo patriarcal estava fundamentado em papéis de gênero muito bem demarcados, onde as mulheres estavam relegadas as ideias de inferioridade intelectual, que lhe impediam de ocupar espaços políticos, fraqueza física que deveria ser compensada com cuidados de beleza, e a manutenção do lar, garantindo a educação dos filhos e a disponibilidade dos maridos na esfera pública<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Embora o uso do espartilho tenha se adaptado a outros materiais e modelagens, muitos eram os artigos publicados nos principais jornais a respeito dos malefícios do seu uso para a saúde das mulheres. Os argumentos tanto eram embasados em discursos médicos, atentando ao perigo de compressão de muitos órgãos, como também possuíam apelo estético, afirmando que deforma a silhueta e a natural robustez. In: COSTA, João. *O espartilho e a higiene feminina*. Recife, Diário de Pernambuco, 03 de fevereiro de 1915.

<sup>10</sup> É importante salientar que as mulheres referidas nesse trabalho, aquelas que tinham a escolha de adquirir e incorporar novos hábitos de moda, eram pertencentes, sobretudo, as camadas médias e da elite recifense. A moda, em perspectiva histórica, sempre possuiu códigos simbólicos que demarcavam os extratos sociais entre as classes. Dessa forma, é preciso uma investigação mais ampla que se debruce nas representações da moda entre outras mulheres, atentando ao seu uso em variações de classe e raça.

<sup>11</sup> O modelo de feminilidade imputado às mulheres no período, caminho pelo qual deveriam formar suas subjetividades e guiar seus comportamentos, atendia apenas aquelas pertencentes aos grupos

Por outro lado, embora muitos escritores atribuíssem as novidades, rupturas e liberdades adquiridas através da moda ao feminismo, afirmando que seus ideais eram responsáveis por despertar nas mulheres novos interesses, - como a prática de esportes antes considerados exclusivamente masculinos (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1915, p.3) - algumas feministas, como Edwiges de Sá Pereira, procuravam dissociar suas imagens de pautas ou comportamentos considerados inapropriados a mulheres de respeito. Contudo, ao analisar as mudanças ocorridas no período em questão, e os discursos produzidos a partir disso, podemos observar que esses novos ares deram abertura para a criação de novos *habitus*. Estes tanto poderiam atender necessidades de cunho prático, com modelagens que proporcionassem maior mobilidade as mulheres, como confrontar os padrões normativos de gênero através de mudanças estéticas, que abalavam a divisão simbólica existente entre masculino e feminino.

---

hegemônicos da sociedade. Apenas as mulheres da elite poderiam acessar os critérios de moralidade, instrução e higiene pautados no período. Dessa forma, as mulheres pobres, que em sua grande maioria eram racializadas, representavam o que Grada Kilomba chama de “outredade”. O direito de ser, a sua subjetividade, é apartada de si, restando apenas o lugar que lhe foi indicado para se existir. Se na sociedade patriarcal as mulheres brancas eram consideradas apenas o Outro em relação ao lugar de dominação masculino, uma lente interseccional dentro dessa problemática nos mostraria que as mulheres racializadas representam “o outro do outro”. COSTA, L.M; ASSIS, B.M. . A outro do outro: Serena Williams e a construção da imagem da mulher negra na mídia. Aturá - **Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 3, p. 87-102, 2019.

# CASA GONDIM NO RECIFE: A MODA ENTRE SIGNIFICAÇÕES



O corpo é o suporte da geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável, uma proclamação momentânea de si. Se não é possível mudar suas condições de existência, pode-se pelo menos mudar o corpo de múltiplas maneiras.

(LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papyrus, 2003. p.28.)

O vestuário é sempre significativo e em suas interpretações aproximamos da organicidade da sociedade que o produziu. Afinal, em seus cortes, cores, texturas, comprimentos, exotismo, as roupas dão conta de imprimir sobre os corpos que as transportam categorias sociais, ideais estéticos, manifestações psicológicas, relações de gêneros e de poder. (CRANE, 2006, p. 22).

Dentre as novidades e efervescências do Recife moderno, estavam as casas de moda – ou lojas de tecido, vestuário, acessórios e artigos de moda – que proporcionaram a cidade novas práticas de sociabilidade. Assim como em outros períodos da História, o vestuário não representava apenas a necessidade de cobrir o corpo, mas de distinguir os indivíduos, os prestigiando ou excluindo de acordo com as normativas vigentes (SILVA, 2009, p.39). Não eram poucos os jornais que se dedicavam a noticiar os novos costumes compartilhados entre a elite recifense. Dentre eles, o Diário de Pernambuco, o Jornal de Recife, - com o caderno Modas e Elegâncias – o Jornal Pequeno, o A Província e o Vida Moderna, todos versando sobre o chamado *footing*, que consistia em caminhadas pelas ruas reformadas do Recife, explorando os novos espaços e exibindo a adesão das mais recentes tendências<sup>12</sup>.

Ainda que os chamados “anos loucos” sejam considerados como o período de mudanças significativas nos comportamentos da sociedade, podemos perceber - a partir da análise das fontes citadas até aqui – que os anos finais da década de 1910 já configuravam rupturas nos padrões normativos de gênero. As novidades vistas no *footing* proporcionavam argumentos para que os jornalistas conservadores denunciassem “ (...) *A ousadia extranha das tolletes, permitindo às “Maravilhosas” vestir-se, ou antes, despir-se a meio sob transparência dos volles e gazes sugestivos, exibindo licenciosamente collo, braços e pernas*” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1920, p.4). Nesse período a cidade já vivencia o surgimento de personagens polêmicos como os almofadinhas e as melindrosas, referenciados nos artigos como sendo efeminados e fúteis, características censuráveis aos

---

<sup>12</sup> As referências sobre as citações dos aludidos jornais ao *footing*, encontram-se no arquivo digital da Biblioteca Nacional, utilizando o recorte temporal entre os anos de 1910 a 1919, período referente a pesquisa desenvolvida nesse trabalho. Ver também: COUCEIRO, Sylvia. **Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer no Recife nos anos 1920**. 2003. 334 f. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

homens e mulheres de boa moral<sup>13</sup>.

Com o intuito de importar toda elegância estética da moderna *rue de la paix*<sup>14</sup>, as principais casas de moda do Recife estavam atentas às novidades que primeiro chegavam ao Rio de Janeiro, e que eram divulgadas nos periódicos daquela cidade.

Inegavelmente Recife marcha, vai para diante. *Ça va* como se diz. E a moda tem nele o seu lugar. A mulher pernambucana veste-se bem, tem gosto, é elegante, é *chic*. Para satisfazer essa necessidade do luxo e da elegância e como uma consequência dela é que surgem as casas de modas. (...) Não é possível melhor elemento de civilização. (...) E tudo isso nós possuímos já. Percorrei, por exemplo, a CASA GONDIM, à Rua Nova, n.5, (...) e tereis uma ideia do *chic* pernambucano, um prolongamento do *chic* parisiense. (JORNAL PEQUENO, 1915, p.5)

A partir do ano de 1914, uma loja se destacou na capital pernambucana, sendo citada como pioneira na importação de produtos e artigos de moda. Por meio de artigos publicados nos principais jornais da cidade do Recife, o ilustre comerciante J. Elpidio Gondim anuncia sua volta da Europa e a instalação da sua casa de moda, intitulada Casa Gondim. Em pouco tempo o estabelecimento adquiriu prestígio junto à sociedade recifense, recebendo em primeira mão as principais novidades em tecidos e modelagens (JORNAL DO RECIFE, 1914, p.3). Dentre os diferenciais que garantiram a notoriedade da loja, estava o fato de ser considerada a única agente da conceituada revista parisiense de moda, a *La femme chic* (JORNAL PEQUENO, 1915, p.3), fato que possibilitava as mulheres e homens da elite recifense o *status* cosmopolita dos novos ares modernos.

A Casa Gondim possuía ampla divulgação na imprensa pernambucana, publicando anúncios nos principais jornais em circulação na capital. Dentre eles, estão o Jornal A Província, Jornal Pequeno, Vida Moderna, e Kodak, onde as publicações apareciam com periodicidade semanal ou mensal, e dispendo de

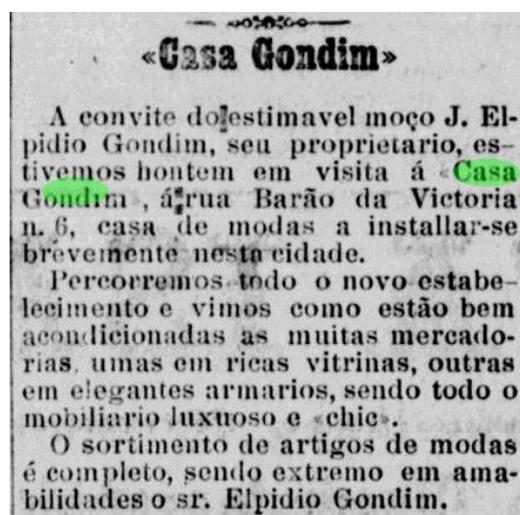
<sup>13</sup> Sobre os almofadinhas ver: *Os almofadinhas: Uma expressão nova da decadência*. Recife, Vida Moderna, Edição 0012, 1919. p. 19. Sobre as melindrosas ver: *Miss. Arrepiada (Scenas da rua Nova)*. Recife, Vida Moderna, Edição 0015, 1919. p. 12.

<sup>14</sup> No decorrer da pesquisa, a *rue de la paix* apareceu constantemente citada nos jornais recifenses como sendo símbolo de luxo e modernidade. Lá estavam situadas as principais casas de moda parisienses, e de onde países como o Brasil tiravam sua inspiração. Ver: *As opiniões de Oliverio Montaldo*. Recife, Vida Moderna, Edição 0002, 1919. p. 4.

maior espaço nas páginas, com anúncios de até uma página inteira. Já no Diário de Pernambuco e Jornal do Recife, as divulgações aparecem com menor frequência, além de disporem espaço menor no caderno. Os anúncios divulgavam a chegada à loja de todo sortimento de “cousas de moda”, como tecidos – finos, linho, renda, seda, cambraia, chiffon, musseline, e crepes –, acessórios – espartilhos, luvas, leques, chapéus, escovas *pompadour*, fitas escocesas e sombrinhas (JORNAL PEQUENO, 1915, p.1) – e produtos de higiene e beleza, como enxaguantes para o hálito<sup>15</sup>, sabonetes e tônicos medicinais para pele (A PROVINCIA, 1916, p.8).

**Figura 6 – Anúncio-convite para inauguração da Casa Gondim, publicado no Jornal do Recife em 1914. O anúncio faz referência ao prestígio de Elpidio Gondim e menciona a variedade de artigos de moda.**

**Fonte:** Jornal do Recife, 13 de setembro de 1914, p.3. Recife.



<sup>15</sup> Alguns anúncios publicavam o Odol como um item de exclusividade da Casa Gondim. O produto, que era um enxaguante bucal do período, aparecia comumente destinado as mulheres com promessa de auxiliar no flerte e sociabilidade. In: *Odol*. A Provincia, Recife, 06 de setembro de 1917, p. 3. Ver também PEZZIN, Paola Sarlo. **O reino das aparências**: a representação feminina nos anúncios ilustrados da década de 1920, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.1896-1908. Disponível em <http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S09/26encontro> PEZZIN Paola Sarlo.pdf. Acesso em 04/03/2021.



**Figura 7 – Anúncio da Casa Gondim publicado no periódico Kodak PE. Disponde de uma página completa, descreve seu público e variedade de produtos e serviços.**

**Fonte:** Kodak PE, Recife, 8 de abril de 1916, p. 8.

Além disso, os anúncios também divulgavam os eventos promovidos pelo estabelecimento. Exibição de películas cinematográficas no Teatro Moderno (A PROVINCIA, 1916, p.4) festas comemorativas para crianças, sorteios de árvores de natal nos meses de dezembro (A PROVINCIA, 1917, p.2), cerimônias criadas com o intuito de participar amplamente da vida social da cidade, fixando na elite recifense um sentimento de pertencimento ao processo modernizante.

Dirigida nos escritos à “distinta família pernambucana”, a casa de modas estava localizada em um prédio espaçoso e arejado (A PROVINCIA, 1916, p.6) situado à Rua Nova nº 5. Ao analisar os anúncios, ora a loja aparecia localizada à Rua Barão da Victoria nº 155, ora como Rua Nova. De acordo com a historiografia (COUCEIRO, 2003, p.34), em 1870 a até então conhecida Rua Nova passou a chamar Rua Barão da Vitória, em razão de uma homenagem ao militar José Joaquim Coelho. Embora oficialmente a rua tenha sido renomeada, a população continuou a chamá-la pelo antigo nome, o que representa uma resistência às modificações que se iniciavam na cidade.

Conhecer a localização da Casa Gondim é importante no contexto da pesquisa, visto que podemos entender o direcionamento e alcance de suas ações na sociedade recifense. Com a ressignificação dos espaços de sociabilidade, as ruas ganharam um sentido de campo para discursos simbólicos. Neles, a moda possui lugar de destaque, comunicando vontades e posicionamentos quando

vinculadas ao corpo. A Rua Nova representava o espírito de modernidade compartilhado entre as elites. No *footing* se exprimia tanto cumplicidade quanto desacordo, tanto integração quanto transgressão. Sentimentos manifestos em modelagens, acessórios e comportamentos.

Em 1916, a cidade do Recife vivencia o que Oliveira (2002) denomina como institucionalização da moda, em virtude de uma grande festa promovida no dia 8 de janeiro pela Casa Gondim (JORNAL PEQUENO, 1916, p.1). O evento, muito esperado pelas estimadas clientes, foi divulgado nos principais jornais da cidade. Contudo, a partir da análise de tais fontes, percebemos que o espaço de realização da cerimônia aparece divergente nas publicações. Em coluna publicada no Jornal Pequeno, a Casa Gondim informou que a festa ocorreria no Teatro do Parque, através da distribuição de convites as suas freguesas. Já o Diário de Pernambuco, divulgou como sendo realizado no Teatro Moderno, conhecido espaço de cultura das elites, onde eram exibidas as películas cinematográficas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1916, p.6). Apesar das divergências em relação ao local de realização, ambos jornais fazem referência ao evento como sendo algo inédito na cidade.

A festa pode ser considerada como um marcador de novos costumes no Recife. Realizada às 19:00 da noite, propiciou novas formas de sociabilidade para as mulheres das camadas médias urbanas. Dentre as atrações publicadas no Jornal Pequeno (1916, p.1), estavam a exibição da película *El Rei Amor*, interpretado por Bella Hesperia. Segundo o jornal, a fita era de grande sucesso na época. Também participaram artistas como Margot e Mylton, exibindo os números “Valsa fantástica”, “Fado tango”, “Tango cabaré”, e “Maxixe salão”. A pompa prometida da iluminação é algo bem referenciado na nota. Os convites foram distribuídos previamente para as ilustres freguesas da loja, que os usaram para um posterior sorteio de lembrança da festa. Além das atrações, são exibidas publicamente as novas tendências, causando impacto nas normativas morais que regiam a sociedade.

Assim como uma forma de distinção que classifica os indivíduos em status sociais (BOURDIEU; DELSAUT, 2001, p.172), a moda também serviu ao antagonismo existente nos ideais de masculinidade e feminilidade. Segundo Souza

(1979), até o final do século XIX, os trajes de homens e mulheres possuíam não apenas cortes e modelagens específicos, mas também tecidos, cores e texturas que expressavam sua sisudez e força, e sua beleza e docilidade, respectivamente. Nas modelagens, o corte reto dos ternos era oposto dos formatos em “x” que representava a cintura feminina. Nessa perspectiva, o desfile promovido pela Casa Gondim rompe tais padrões de gênero ao apresentar peças que ultrapassam a linha simbólica entre os sexos. Dentre os confrontamentos, esteve a adesão de cortes que tornavam a silhueta feminina mais longilínea, ou até mesmo reta, aproximando-se das modelagens masculinas.

**Figura 8 – Os modelo de mangas amplas e cortadas em babados com renda, bem como o pescoço enfeitado com golas altas, aludem a moda da era eduardiana que que vigou entre os primeiros anos do século XX até 1910. Um modelo de feminilidade que exprimia delicadeza. (Edwiges de Sá Pereira. Recife, 1911.)**

**Fonte:** Acervo Digital da Fundaj, 2009.



**Figura 9 – Com a guerra, a moda aplicou as noções de alfaiataria ao vestuário feminino, incorporando elementos tidos como masculinos as novas modelagens. Surgem combinações que remontam o estilo das casacas e paletós. (La Femme Chic, nº 80, 1917).**

**Fonte:** Etsy<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Disponível em <https://www.etsy.com/in-en/listing/599546619/la-femme-chic-a-paris-print-french>. Acesso em: 09 de janeiro de 2021.

**Figura 10 – O tailleur se torna a versão feminina dos ternos. Nos primeiros anos do seu aparecimento, ainda que possuísse silhueta sutilmente acinturada, causou escândalo nos mais conservadores.**



**Fonte:** Jornal Pequeno, Recife, 07 de junho de 1917, p. 1.

Os cortes de cabelo *a la garçonne* também já estavam presentes no último quadriênio da década de 1910, representando uma transgressão nos padrões de feminilidade ao igualar as características estéticas das mulheres as dos homens. Outro elemento que causou incomodo e esteve impresso nos jornais recifenses, foi a incorporação da seda no vestuário masculino. Em artigo publicado no Jornal Pequeno, a professora Angeline Ladevese expressa seu descontentamento ao ver “*homens fortes (...) cobrindo o vigoroso peito, que outrora levou a couraça de ferro, com o suave tecido que, até agora, teve o privilégio de envolver os delicados corpos das mulheres elegantes*” (LAVEDESE, 1921, p.1). O que ocorre a partir de então, é um “borrão” entre as linhas que demarcam os espaços definidos para homens e mulheres (BONADIO, 2000, p.37).

À vista disso, podemos reiterar o debate teórico que aborda o gênero como uma categoria construída historicamente. Para que as convenções morais de uma sociedade patriarcal vigerassem plenamente, o uso de ferramentas simbólicas foi imprescindível para consolidar uma forma de poder político sobre as mulheres, definindo suas subjetividades e papéis (SCOTT, 1990 ,p.27). Contudo, sendo a

moda uma prática cultural mutável, ela também aparece incorporada ao processo de criação de novos habitus, meio pelo qual as mulheres do período puderam transgredir as normativas do campo. Assim, como pontua Setton

Se, de um lado, a moda oferece ao indivíduo um esquema que demonstra uma submissão ao comum, uma docilidade às normas de sua época, por outro, é uma das muitas formas que auxiliam os indivíduos a salvar sua intimidade e identidade ante os semelhantes (SETTON, 2008, p. 123)

A moda nesses últimos anos aparece referenciada como sendo um abuso a moral e a religião, “*um monopólio comercial de homens deschristianizados*” (JORNAL PEQUENO, 1920, p.1), meio pelo qual as mulheres tornaram-se libertinas e imorais, características contrarias aquelas esperadas pelas senhoras e donzelas de boa família. Dessa forma, podemos inferir que as mudanças na moda feminina, incorporadas por muitas mulheres da sociedade recifense no referido período desta pesquisa, representaram uma abertura para as representações estéticas que antes eram consideradas estritamente masculinas. Tais rupturas simbolizam o primeiro passo no cruzamento da linha que separa mulheres e homens em perspectivas binárias, ganhando mais no chamado “frenesi dos anos loucos”(PIMENTA, 2003, p.13).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do debate teórico que introduz esse trabalho, podemos afirmar que a moda não se limita a uma ideia de cadeia produtiva desvinculada de interesses, sobretudo, políticos. Pensá-la nesse senso comum nos impediria de observar as complexidades e utilidades da moda enquanto objeto de análise histórica, uma vez que seus elementos possuem significações específicas a cada época. No contexto desta pesquisa, procuramos demonstrar que ela configura uma prática cultural, nascendo de relações dialéticas entre as subjetividades e os estímulos exteriores.

Em outras palavras, a moda não surge como vontade inerente ao sujeito e, sim de interesses geralmente verticalizados. Desse modo, os indivíduos que estão em lugar superior da relação vertical, podem utilizá-la como forma de imputar seu poder, ainda que simbolicamente. Portanto, consideramos que os códigos binários presentes no vestuário de homens e mulheres, são utilizados como forma de distinção e reafirmação dos seus lugares na sociedade. Contudo, procuramos demonstrar também que, embora os conceitos bourdieusianos tenham caráter estruturalista, a criação desse novos *habitus* possui a plasticidade necessária para as disputas dentro do campo da moda, criando comportamentos. Ou seja, novos *habitus*.

Com base na análise das fontes utilizadas ao longo deste trabalho, percebemos que as mudanças ocorridas desde os primeiros anos da década de 1910 na cidade do Recife, suscitaram a criação ou abertura de novos hábitos, contrários ao modelo de moral religiosa que regia a sociedade até então. Tais novidades ameaçavam a idealização da figura masculina como detentora do poder físico, moral e intelectual, representado pela ordenação patriarcal dos tempos de glória rural dos senhores de engenho. Tal configuração permaneceu sendo defendida por grande parte da elite intelectual da cidade, tendo como canal de comunicação os principais jornais da cidade. Aqui, compreendemos o caráter relacional dos gêneros masculino e feminino. A defesa de um modelo de feminilidade pautado em concepções biológicas e religiosas estava diretamente ligado a manutenção do lugar de dominação e superioridade masculina. Portanto, qualquer novidade que representasse um confronto a essa normativa, era considerado uma ameaça aos bons costumes.

Na terceira parte deste trabalho, procuramos demonstrar que, embora ainda houvesse resistência por parte da camada conservadora da cidade, - como no caso da educadora e poetisa Edwiges de Sá Pereira – o modelo de feminilidade imputado pelos padrões normativos de gênero do período já vinha passando por sutis transformações. Neste ponto, podemos reiterar que apesar de se dizer progressista, as transgressões do corpo através da moda não possuem relação direta com o feminismo, ainda que essa ideia seja compartilhada por muitos jornalistas. A própria Edwiges de Sá Pereira afirma considerar tais comportamentos como uma mancha na tentativa de emancipação da mulher.

Analisando as colunas e artigos publicados nos jornais, antes e depois do desfile promovido pela Casa Gondim, podemos afirmar que o *habitus* gerado a partir das novas tendências da moda, representaram uma transgressão dos elementos representativos do modelo de feminilidade. Embora defendido pelos higienistas, o cabelo curto a *la garçonne* “borrava” a linha simbólica que separava as características esperadas para homens e mulheres, assim como o alongamento das silhuetas – no lugar da cintura em formato de “x” – e a exibição de partes do corpo que antes deviam ser cobertas, como o colo, braços e canelas. Dessa forma, seja por discursos ditos biológicos ou explicitamente morais, a adesão da nova moda pelas mulheres no final dos anos de 1919, configura uma transgressão dos padrões morais impostos no período.

A partir de uma perspectiva interseccional, percebemos que o direcionamento e utilização de tais tendências esteve limitado às mulheres das elites e camadas médias urbanas. Com base nos jornais utilizados, não há menção ou registro fotográfico de mulheres pertencentes a outros extratos da sociedade, como mulheres pobres e racializadas. Como discorrido anteriormente, a própria concepção de “ser mulher” excluía aquelas das margens do direito a expressão de suas subjetividades, lhe imputando o lugar de “outro do outro”, como desenvolveu Grada Kilomba. Dessa forma, é necessário um desdobramento que identifique as representações da moda em outras mulheres neste referido período, trazendo para a historiografia seus lugares outrora apagados.

Por último, este trabalho objetivou contribuir com a produção sobre moda e gênero dentro do campo da história, reafirmando sua importância e relevância para

as análises sociais e culturais em diferentes períodos. Além de reiterar que o “ser mulher” e ser homem está dentro de um campo político de disputas, possuindo significações e interesses distintos, nem sempre horizontais.

## REFERÊNCIAS

### FONTES DOCUMENTAIS

A moral e a religião brandam e clamam contra o abuso das modas femininas. **Jornal Pequeno**, Recife, 22 de janeiro de 1920. p. 1.

A saúde do homem. **Jornal de Recife**, Recife, 9 de junho de 1914, p. 6.

As jupes culottes no Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, 25 de março de 1911. p. 1.

As opiniões de Oliverio Montaldo. **Vida Moderna**, Recife, 1919. p. 4, Edição 0002.

**A Província**, Recife, 20 de outubro de 1916, p. 8.

**A Província**, Recife, 8 de janeiro de 1916. p. 4.

**A Província**, Recife, 12 de agosto de 1916, p.6

BELLO, Julio. Brilhantes, usinas e automóveis. **Diário de Pernambuco**, Recife, 13 de setembro de 1925, p. 4, c. 2.

Casa Gondim. **A Província**, Recife, 25 de dezembro de 1917. p. 2.

Casa Gondim: Uma festa no Parque. **Jornal Pequeno**, Recife, 5 de janeiro de 1916. p. 1.

DANTAS, Julio. A bengala de Mme. Z. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 dez 1919. p. 4.

**Diário de Pernambuco**, Recife, 6 de julho de 1910, p. 1.

**Diário de Pernambuco**, Recife, 30 de julho de 1916, p. 8

Diário Social: Elegâncias. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 de abril de 1920. p. 4.

Diário Social: Registo Elegante. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 de julho de 1914. p. 2.

Elegâncias: Trajes esportivos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 de novembro de 1915. p. 3.

Estão em moda as roupas velhas. **Vida Moderna**, Recife, 1919, p. 10.

FERNANDES, Annibal. De uns e de outros... **Diário de Pernambuco**, Recife, 12 de dezembro de 1919, p.3, c. 2.

FERNANDES, J. Aspectos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27 de setembro de 1910. p. 1.

**Jornal Pequeno**, Recife, 24 de fevereiro de 1915, p. 1.

La Femme Chic. **Jornal Pequeno**, Recife, 19 de outubro de 1915. p. 3.

LADEVESE, Angeline. Sobre a moderna sugestão da seda. **Jornal Pequeno**, Recife, 29 de julho de 1921. p. 1.

Modas: As jaquetas. **Jornal de Recife**, Recife, 14 de novembro de 1915. p. 3.

Modas e elegâncias. **Jornal do Recife**, Recife, 31 de outubro de 1915, p. 3.

Odol. **A Provincia**, Recife, 06 de setembro de 1917, p.3.

PEREIRA, Edwiges de Sá. Poesia e moda. **Jornal Pequeno**, Recife, 07 de junho de 1920. p. 1.

Problemas em via de solução. **Diário de Pernambuco**, Recife, 13 de maio de 1913. p. 1.

Theatro Moderno. **Diário de Pernambuco**, Recife, 12 de janeiro de 1916. p. 6.

Theatro Moderno. **Diário de Pernambuco**, Recife, 12 de janeiro de 1916. p. 6.

Uma carta. **Diário de Pernambuco**, Recife, 4 de junho de 1911. p. 3.

Uma festa no “Parque”. **Jornal Pequeno**, Recife, 05 de janeiro de 1916, p. 1.

Visitas. **Jornal do Recife**, Recife, 24 de julho de 1914. p. 3.

## **BIBLIOGRAFIA**

AGRA DO Ó, A.. Júlio Bello: um homem velho fala sobre as velhices que viu e viveu. Clio. **Série História do Nordeste (UFPE)**, Recife, v. 28.1, p. 12, 2010.

AMARAL, Tércio de Lima. **Uma ilha sem mulheres** : as relações de gênero nos suplementos literários da imprensa recifense em fins da década de 1920. 2015. 155 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

AMARAL, W. V. . 'Um passado que não morre': traços biográficos de Edwiges de Sá Pereira. **Revista Ágora** (Vitória) , v. 7, p. 01-16, 2011.

ARRAES, M. A. M. S. ; **Embates discursivos: a modernidade no Recife na primeira metade do século XX**. ALBUQUERQUE: REVISTA DE HISTÓRIA , v. 3, p. 115-134, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/270224451.pdf>. Acesso em 22 dez 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Ana Paula Oliveira. **A construção da imagem da mulher por meio do discurso masculino: uma análise a partir das relações de gênero e poder.** 13º Congresso Mundos de Mulheres e Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis, 2017.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida.** 3ª ed. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BONADIO, Maria Cláudia. **Moda: Costurando mulher e espaço público.** Estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo 1913-1929. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. 184 F. 2000.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade:** uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. Rev. MalEstar Subj., Fortaleza , v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007 . Disponível em <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1594/3576>. Acesso em 16 jan 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** 2ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre; DELSAUT, Yvette. **O costureiro e sua grife:** contribuição para uma teoria da magia. Tradução de Maria das Graças Jacintho Setton. Educação em Revista, nº 34, Belo Horizonte, 2001

BRITO, T. A. . **Eva vestida de adão:** androgenia e moda na Recife da década de 1920. In: IV Colóquio de História : abordagens interdisciplinares sobre sexualidade, 2010, Recife.

CEBALLOS, Rodrigo. **Os maus costumes nordestinos:** invenção e crise da identidade masculina no Recife (1910-1930). 2003. 142p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281535>>. Acesso em:

03/02/2020.

CELLARD, André. . **A análise documental**. In: POUPART, Jean., et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTA, L.M; ASSIS, B.M. . A outro do outro: Serena Williams e a construção da imagem da mulher negra na mídia. Aturá - **Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 3, p. 87-102, 2019.

COUCEIRO, Sylvia. **Artes de viver a cidade**: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer no Recife nos anos 1920. 2003. 334 f. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

DIAS, Camila Carmona. **Poiret e Iribe**: reflexões entre moda e História. 13º Colóquio de Moda. 2017, Bauru. 10 Edição Internacional, 2017, Bauru. Anais 13 Colóquio de Moda. 2017. p.1-16. Disponível em: [http://www.coloquiomoda.com.br/coloquio2017/anais/anais/13-Coloquio-de-Moda\\_2017/CO/co\\_3/co\\_3\\_POIRET\\_E\\_IRIBE\\_REFLEXOES.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/coloquio2017/anais/anais/13-Coloquio-de-Moda_2017/CO/co_3/co_3_POIRET_E_IRIBE_REFLEXOES.pdf). Acesso em: 26 jan 2021.

DOMINGUES, José Maurício. **A dialética da modernização conservadora e a nova história do Brasil**. Dados, Rio de Janeiro , v. 45, n. 3, p. 459-482, 2002 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582002000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582002000300005&lng=en&nrm=iso). Acesso em 03/03/2021.

DUARTE, Jônatas Lins. **Modernização do porto e do bairro do Recife: Impactos causados pelas obras na população da freguesia (1909-1914)**. 2018. 216p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife.

FACUNDES, Emelly Sueny Fekete. **Uma das faces do feminismo em**

**Pernambuco**: transgressões e permanências na trajetória da Federação Pernambucana para o Progresso Feminino (1931 – 1937). 2018. 181 F. Dissertação (Programa de Pós Graduação em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da medicina social**. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 4ª Edição, 1984.

LEANDRO, Jacilene de Lima. **O discurso soletrado no feminino**: O engajamento de mulheres no movimento abolicionista na cidade do Recife (1884-1888). 2020. p. 51. Monografia (Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

LEITE, Fábio de Carvalho. **O Laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 31 (1) : 2011.

LE GOFF, Jacques (Trad. Bernardo Leitão). **História e memória**. Campinas: UNICAMP.1990

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). Fontes históricas. 2 Ed. São Paulo, Editora Contexto, 2008. p. 111-154.

LUZ, N. M. Q. P.; NASCIMENTO, A. C. O debate em torno da emancipação feminina no Recife (1870-1920). **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 341-370, 15 abr. 2016.

MARQUES, L. C. L. ; AMARAL, V. V. Modernas... mas conservadoras: Associações católicas e o papel do laicato na Igreja Católica no Recife durante a Primeira República. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP** , v. 3, p.283-305, 2013. Disponível em

<http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/373/340>. Acesso em 18 nov 2020.

MEDEIROS, Hugo Augusto Vasconcelos. Melindrosas e almofadinhas: relações de gênero no Recife nos anos 1920. Tempo e Argumento: **Revista do Programa de Pós Graduação em História UDESC**. Florianópolis, v.2, n.2, jul. – dez. 2010.

MENDES, Raísa Amaral; CARVALHO, Agda. Os modos de vestir e a influência francesa na Belle Époque carioca. Iniciação - **Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística**. São Paulo: Centro Universitário Senac. Edição Temática em Vol. 5 n° 2 – novembro de 2015.

NASCIMENTO, Alcileide C; LUZ, Noemia M. de Oliveira. **As mulheres na cidade do Recife**: feminismo, cultura e transgressão (1870-1935). Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2015.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do.; MELO, Alexandre Vieira da Silva. **Melindrosas em revista**: gênero e sociabilidades do início do século XX (Recife, 1919-1929). História Revista, Goiânia, v. 19, n. 03, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/33409/18889>. Acesso em: 16 Janeiro de 2021.

NASCIMENTO, Bruno Nery do. **Entre a “Mendigópolis” e o “Recife Novo”**: reforma urbana, higiene e políticas de saúde para as mulheres no governo de Sérgio Loreto (Pernambuco, 1922 - 1926). 2016. 152 F. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.

PARANHOS, M. L. R. ; PARANHOS, M. C. R. . **Estratégias higienistas como práticas de educar e civilizar o corpo**. BOLETIM HISTORIANAR , v. 5, p. 3-12, 2018.

PEZZIN, Paola Sarlo. **O reino das aparências**: a representação feminina nos anúncios ilustrados da década de 1920, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.1896-1908

PIMENTA, Maria Cecília Gonçalves. **La garçonne**: A nouvelle femme representada pela moda da paris dos anos loucos (1919-1929). Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em História Social (UEL). Londrina, PR. 175 F. 2003.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (Org.) **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 12.

SETTON, Maria da Graça. A moda como prática cultural em Pierre Bourdieu. **Revista de Moda, Cultura e Arte** – São Paulo V.1 N. 1 abr - ago. 2008.

SCOTT, Joan W. **“Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.”**  
Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SILVA, Ana Cristiane da. **O vestuário como elemento constituinte da identidade das mulheres de elite na Bahia (1890-1920)**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em História (UEFS). Feira de Santana, BA. 139 F. 2009. Disponível em: <http://www2.uefs.br/pgh/docs/Dissertacao/Disserta%C3%A7%C3%A3oAnaCristiane.pdf>. Acesso em: 13 de janeiro de 2021.

SILVA, Maciel Henrique. **Pretas de Honra**: vida e trabalho de domésticas e vendedoras no Recife do século XIX. 1840-1870. Recife. Ed. Universitária da UFPE, co-edição, Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Natanael de Freitas. **Historicizando as masculinidades**: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior. História, histórias, Brasília/DF, v. 3, n. 5, p. 7-22, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10826>. Acesso em: 20 jan 2021.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas a moda no século dezenove**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

SOUZA, Sandra Izabele de. **Namoros indecentes**: relações de gênero e as histórias de sedução na cidade do Recife (1890 – 1914). 2016. 150 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

TEIXEIRA, Débora Pires; SILVA, Raquel Andrade. A moda em tempos de guerra: da saia sino à androginia. Achiote **Revista Eletrônica de Moda**, v. 6, n. 1, p. 49-68, 2018. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/achiote/article/view/6163/3175>>. Acesso em: 26 jan 2021.

VELOZO, Olga Carolina Pontes Bon. **Modas de vestir, modos de ser : tradição e modernidade no Rio de Janeiro (1808-1908)** / Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2020